



Introdução à

*uma
análise
do tecido
teológico*

Teologia
Evangélica

RICHARD LINTS


VIDA NOVA

Sumário

<i>Agradecimentos</i>	11
-----------------------------	----

Primeira parte Teologia: Textos e contextos

1. Preliminares para os prolegômenos	15
Introdução	15
A natureza e o propósito de uma visão teológica	24
Premissas filosóficas	32
2. A face do evangelicalismo e a tarefa da teologia evangélica	41
Definição de evangelicalismo	41
O Segundo Grande Despertamento e a ascensão dos impérios evangélicos	44
<i>The fundamentals</i> e a guerra contra o modernismo	50
Envolvimento e adaptação sociais	55
Identidade e independência	60
Uma colcha de retalhos teológica	66
3. O fundamento da teologia	71
Graça epistemológica	71
O uso da Bíblia na teologia	80
Estágios do redirecionamento	84
A estranha unidade de dois autores	88
História redentiva e o progresso da teologia	91
Comentários de conclusão	92
4. A trajetória da teologia	95
Introdução	95
O uso da tradição na teologia	97
<i>O passado distante</i>	100

<i>Antitradicionalismo</i>	101
<i>Tradicionalismo antitradicional</i>	104
A Bíblia privada	106
A igreja paraeclesiástica.....	107
Piedade temporal	109
<i>O meio-termo entre os dois extremos</i>	110
O uso da cultura na teologia.....	115
<i>O poder e a ambiguidade da cultura</i>	117
<i>Cultura moderna</i>	120
<i>Cultura populista e dissensão popular</i>	124
<i>Responsabilidades teológicas</i>	126
O uso da razão na teologia	131
<i>Racionalidade nativa e cultural</i>	131
<i>Crenças irresistíveis</i>	136
<i>Ceticismo e dúvida</i>	143
<i>Razão interior e exterior</i>	147

Segunda parte

Teologia: Passado e presente

5. O passado teológico	153
Introdução	153
A Reforma Magisterial.....	158
<i>Martinho Lutero</i>	160
<i>João Calvino</i>	168
Os escolásticos reformados	176
Jonathan Edwards	185
Geerhardus Vos	195
6. O presente teológico	205
Introdução	205
O que é teologia pós-moderna?.....	207
O ambiente cultural da teologia pós-moderna	214
As raízes da teologia pós-moderna	218
<i>O legado do Iluminismo: a crítica da autoridade</i>	218
<i>O legado do Iluminismo: a crítica do propósito</i>	221

O caráter da teologia pós-moderna	224
<i>Autoridade eclesiástica</i>	227
<i>Realismo teológico</i>	230
<i>Pragmatismo epistêmico</i>	232
<i>Teologia como hermenêutica</i>	236
Teologia evangélica e pós-moderna	248
<i>Teologia e caráter público</i>	249
<i>Teologia e a crítica da modernidade</i>	255
<i>Teologia e pluralismo</i>	260
<i>Teologia e libertação</i>	265
<i>Teologia, linguagem e a Bíblia</i>	268
Conclusão	270

Terceira parte

Teologia: Estruturas e visões

7. A natureza teológica da Bíblia	275
Introdução	275
História redentiva.....	278
Revelação redentiva	280
Teologia redentiva	284
<i>Estrutura e conteúdo</i>	286
<i>Narrativa teológica</i>	290
<i>Unidade orgânica</i>	292
<i>Uma observação sobre método</i>	295
O teólogo redentivo.....	297
<i>Expectativas interpretativas</i>	299
<i>A comunidade</i>	302
A matriz redentiva: Uma sugestão.....	303
8. Do texto bíblico à estrutura teológica	307
<i>Sola Scriptura</i>	307
Os três horizontes da interpretação redentiva.....	310
<i>O horizonte textual</i>	312
<i>O horizonte histórico</i>	317

<i>O horizonte canônico</i>	320
A tarefa de espelhar	327
9. Da estrutura teológica à visão teológica	329
Introdução	329
Teologia e as partes da cultura	332
<i>Teologia e igreja</i>	335
<i>Teologia e cultura popular</i>	338
<i>Teologia e meios acadêmicos</i>	344
 <i>Posfácio</i>	 353
<i>Bibliografia</i>	355
<i>Índice remissivo</i>	379

Agradecimentos

Escrever livros é, quase sempre, um trabalho feito por amor. E escrever este livro não foi exceção. Tenho consciência, porém, da contribuição abnegada de outros para este projeto. Desejo expressar para eles minha mais genuína gratidão (e reconhecimento) por seu tempo, seus esforços e seu discernimento (sobretudo nos pontos em que prevaleceram sobre meu modo inicial de pensar).

Meus sinceros agradecimentos à Association of Theological Schools e à Pew Foundation pelos subsídios generosos que tornaram possível boa parte da pesquisa deste livro. Os membros do conselho curador e a administração do Gordon-Conwell Theological Seminary me concederam um ano sabático para escrever este livro. Passei esse período nos agradáveis entornos da Duke Divinity School, cujos recursos foram colocados inteiramente a meu dispor pelo deão, Dennis Campbell.

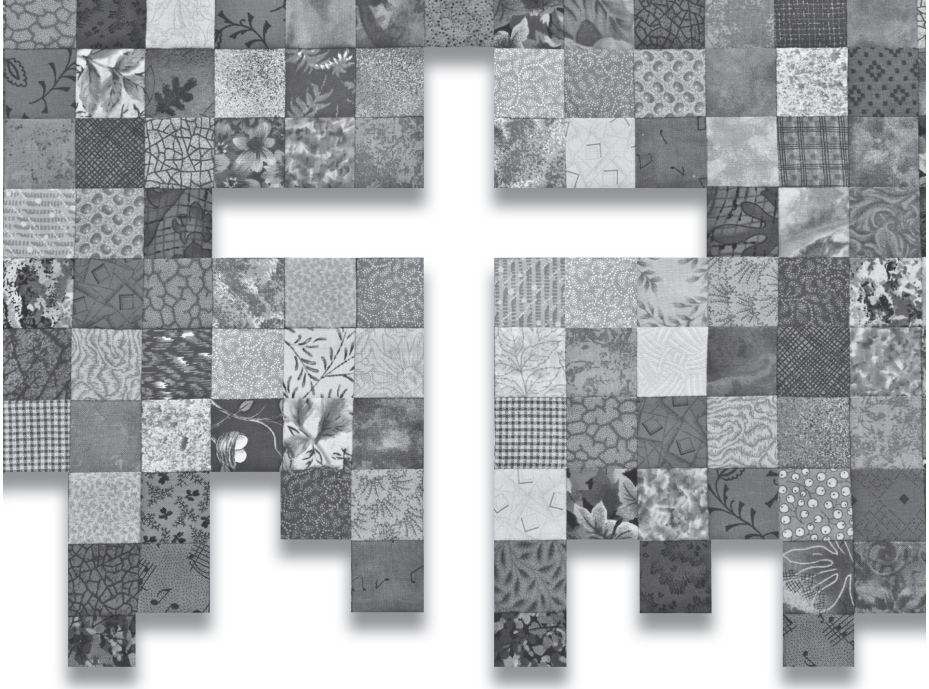
Sou muito grato a George Marsden, que atuou como consultor em meu projeto para o subsídio da ATS/Pew. Ele foi fonte de muito ânimo e de muitas considerações importantes e um excelente companheiro de conversas durante o ano em Raleigh/Durham. Suas perguntas constantes e interessadas aprimoraram o manuscrito ao longo de todo o caminho. (Infelizmente, não se pode dizer o mesmo de suas tentativas de melhorar minha aptidão no golfe.) Paul Helm também foi consultor do projeto, leu de maneira atenciosa o manuscrito e fez vários comentários proveitosos. Esses dois indivíduos são responsáveis, em grande medida, por aquilo que há de bom nesse manuscrito. Contudo, devem ser absolvidos de qualquer responsabilidade por aquilo que ficou aquém do ideal; esses pontos podem ser atribuídos a minha obstinação em não dar ouvidos a eles quando provavelmente deveria tê-lo feito.

Muitos outros contribuíram para o diálogo do qual este livro nasceu. Meus colegas em Gordon-Conwell continuam a me desafiar a pensar mais criteriosa e biblicamente. Os membros do corpo docente que participam do fórum bíblico-teológico de Gordon-Conwell sobre os temas relacionados a este projeto e a discussão decorrente dele exerceram especial influência sobre minha forma de pensar. Richard Gaffin, John Feinberg e Mark Noll, de instituições irmãs, também leram partes do manuscrito e foram de grande ajuda. Robert Neville e Gabriel Fackre interagiram formalmente com um capítulo fundamental durante

um dos animados encontros da Boston Theological Society, e sou muito grato a eles. Jon Pott, da editora Eerdmans e Tim Straayer, meu editor, desempenharam um papel de grande importância na transformação do manuscrito em um texto muito mais claro e legível do que aquele que lhes entreguei no início.

Apresentei boa parte deste material em sala de aula e (como tenho a impressão de que costuma ser o caso) as ideias nele contidas foram avaliadas mais minuciosamente nesse contexto. É uma grande alegria lecionar em Gordon-Conwell para alunos tão inteligentes e dedicados como os que passaram por meus cursos. Meus assistentes de pesquisa do fundo Byington, durante os últimos dois anos (Craig Troxel, Judi Hornibrook, Dale Westervelt, Joel Scandrett e Kurt Peterson), contribuíram de várias maneiras para que este livro fosse concluído. Meu agradecimento especial a Jamie Hutchinson, que perseverou de forma independente no estudo desse material e sempre ofereceu comentários e considerações de grande proveito.

Por fim, tenho uma grande dívida de gratidão para com minha família. Seus membros passaram horas incontáveis sem o papai, enquanto ele estava diante da tela do computador, e foram a lugares incontáveis com o papai enquanto ele saía em busca de mais uma peça do quebra-cabeça de pesquisa. Minha esposa, Ann, sempre tratou com bondade, amabilidade e paciência um marido que, vezes demais, disse que estava quase acabando. Também se mostrou gentil ao interagir com boa parte do material do manuscrito e me ajudou a manter o foco nas coisas importantes. Katie, Sarah e Lucas continuaram a me lembrar de que o tema sobre o qual eu estava escrevendo era, em última análise, importante, embora não tenham deixado de lembrar que desligar o computador de vez em quando também era extremamente importante. Este livro é um testemunho da perseverança deles muito mais que da minha.



Primeira parte

Teologia: Textos e contextos

Preliminares para os prolegômenos

A verdade inteiramente digerida é essencial para o crescimento do caráter cristão no indivíduo e na igreja. Todo o conhecimento de Deus exerce influência sobre o caráter, mas, acima de tudo, o conhecimento de fatos espirituais em suas relações.

Augustus Hopkins Strong¹

Introdução

Livros infantis costumam refletir questões da cultura mais ampla em que são escritos. Pouco tempo atrás, minha esposa encontrou na biblioteca pública um livro infantil que pareceu interessante o suficiente para tomá-lo emprestado. A trama parecia relativamente complexa para o público-alvo, crianças de 3 a 4 anos. Quando minha esposa leu o livro para nossos filhos, eles pediram várias vezes para que ela fosse mais devagar. Pareciam fascinados com a complexidade da história e bombardearam a mãe com perguntas. A moral da história focalizava a relação entre dizer a verdade e lidar com pressão de colegas. O que tornou a história interessante aos olhos de nossos filhos foi o fato de que não terminou com uma vitória moral fácil. No fim, o garotinho que havia permanecido fiel à verdade não recebeu aplausos por tê-lo feito.

Minha esposa e eu refletimos juntos sobre o quanto essa história parecia diferente da maioria dos livros infantis produzidos por nossa subcultura evangélica. Oferecia uma narrativa refletida e profunda, que levou nossos filhos a pensar sobre questões morais fundamentais desafiando, assim, o caráter deles. Contrastava

¹Strong, *Systematic theology: a compendium and commonplace-book designed for the use of theological students* (Rochester: E. R. Andrews, 1886), p. 9-10 [publicado em português por Hagnos sob o título *Teologia sistemática*].

nitidamente com a produção atual de literatura (e música) infantil, evangélica e superficial, que parece ter por objetivo entreter as crianças, mas não promover mudanças nelas. O personagem canta uma canção e os problemas (morais e de outros tipos) desaparecem. Uma Bíblia infantil bastante conhecida é escrita em forma de histórias em quadrinhos, com respostas fáceis para perguntas difíceis. E assim por diante.

Este não é um livro sobre literatura infantil. É um livro sobre teologia, tema que não está em voga nem na sociedade de modo mais amplo, nem nos círculos evangélicos. Mas, como a literatura infantil, a teologia atual dá sinais de um vácuo moral central criado por uma escassez de reflexão séria e contínua. O caráter cristão não pode ser criado sem um tipo de reflexão que exija esforço da alma. Crianças formadas por meio de literatura desprovida de uma teologia do sofrimento terão probabilidade muito maior de se tornar adultos moralmente superficiais e irrefletidamente egoístas. Adultos, quando não impelidos por uma visão teológica, serão impelidos por uma visão de conveniência. Muitos analistas culturais afirmam que a conveniência está se tornando o valor predominante entre os evangélicos de hoje.²

Os evangélicos se orgulham de seu compromisso com a proclamação da verdade, a verdade do evangelho. Diante desse fato, pode parecer irônico que o evangelicalismo de hoje seja caracterizado mais pela acomodação à cultura que pela resistência a tendências culturais que relativizaram o próprio conceito de verdade. Teoria e prática foram separadas, e os evangélicos, acompanhados da sociedade como um todo, escolheram ficar do lado “prático” do abismo entre elas. O problema é que, sem pontes para a base teórica, também não há meios garantidos de determinar se uma prática é “correta”. Declararam que certos comportamentos, como aborto, são imorais, mas essas declarações muitas vezes são separadas de uma teologia da vida e, portanto, servem apenas como sinais de alerta que, com efeito, distinguem o campo evangélico de todos os outros, mas não têm ligação verdadeira com nenhuma outra parte de sua vida. Com muita

²Veja, p. ex., Os Guinness, *The American hour: a time of reckoning and the once and future role of faith* (New York: Free Press, 1993); James Davison Hunter, *American Evangelicalism: conservative religion and the quandary of modernity* (New Brunswick: Rutgers University Press, 1983); Martin Marty, “The revival of Evangelicalism and southern religion”, in: David Edwin Harrell Jr., org., *Varieties of southern Evangelicalism* (Macon: Mercer University Press, 1981), p. 17-21; e Ken Myers, *All God’s children and blue suede shoes: Christianity and popular culture* (Westchester: Crossway Books, 1989).

frequência, para os evangélicos a moralidade é ligada a grandes controvérsias de sua época, e não a conceitos mais antigos e substantivos de virtude e caráter.

A teologia deve ter o lugar de primazia no evangelicalismo, mas, como o estudo bíblico sério, de modo geral, tem sido relegada a uns poucos e isolados seminários teológicos. O estudo de Deus tem sido substituído, cada vez mais, por uma fascinação com o eu. Como o arqui-inimigo dos evangélicos, Rudolf Bultmann, eles começaram a adotar a “relevância” como critério fundamental da verdade.

Ken Myers propôs com eloquência que, em reação à cultura moderna, o evangelicalismo criou uma cultura parecida com ela.³ Procurou imitar as formas culturais da sociedade americana moderna em uma tentativa de participar de sua imensa popularidade. Novelas cristãs, vídeos de ginástica cristãos e música *heavy metal* cristã foram criados na esperança de obter uma parcela do sucesso incontestado de seus equivalentes seculares. Poucos evangélicos trataram do custo que essa acomodação cultural representa para a mensagem do evangelho. Praticamente eliminaram de seu pensamento temas fundamentais como sofrimento, humildade, mansidão, coragem e verdade.

Minha intenção neste livro não é descrever a interface entre cultura popular moderna e teologia séria, mas me preocupo com a forte influência que a cultura moderna exerce sobre a prática e a recepção da teologia séria em nossa subcultura evangélica. Não afirmo que a teologia precisa ser na maior parte reformulada para atender às necessidades da modernidade; antes, proponho que (1) a modernidade é uma força que temos de enfrentar e (2) não podemos construir teologia sem o total reconhecimento desse fato.

Ademais, devo ressaltar que não é minha intenção que este livro seja uma justificativa filosófica da empreitada teológica. Uma preocupação com as evidências conceituais a favor da manutenção da crença em Deus em uma era de incredulidade é interessante e importante *per si*, mas não é disso que tratarei nestas páginas. Também não é meu interesse central apresentar uma defesa do lugar da teologia no âmbito acadêmico ou mesmo no ensino na igreja de hoje. É essencial que entendamos a relação entre teologia e as outras disciplinas, mas esse não é meu enfoque no presente texto. Também não é o foco principal deste livro a prática em si da teologia, embora ela seja de relevância primordial para os propósitos deste estudo. Meu principal objetivo na presente obra é simplesmente

³Veja os caps. 1, 9 e 10 de Myers, *All God's children and blue suede shoes*.